

DO ESPÍRITO DO ESPAÇO: ENSAIO ENTRE GEOGRAFIA E ANTROPOLOGIA

LUIS HENRIQUE F. DIAS¹; RENATA MENASCHE²

¹Universidade Federal de Pelotas – ahoradelh@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – renata.menasche@gmail.com (Orientadora)

1. INTRODUÇÃO

Pretendemos ensaiar uma abordagem entre geografia e antropologia, proposta sob a qual o espaço é pensado como uma instância demarcadora de identidades na cena social. O exercício consiste em não partir de uma abordagem social do espaço, mas conceber o poder de ação do espaço em si, afrontando-o como meio receptor e produtor de valores na esfera coletiva.

Para embasar a análise, buscamos em Santos (2008) a concepção de espaço como sendo um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações. Entendemos, portanto, o espaço como um objeto agenciado e agenciador de mapas culturais que orientam o cotidiano.

Tal dialética alinha-se a Douglas e Isherwood (2004), admitindo que os objetos dão visibilidade e estabilidade a um conjunto particular de julgamentos nos procesos fluidos de classificar pessoas e eventos. Sendo assim, pensar o espírito do espaço é considerá-lo em sua dimensão material; postura que denota, a um só tempo, o viés *concreto* e o caráter subjetivo do espaço. Nesse sentido, por meio da materialidade que o compõe, o espaço exerce “apelo romântico”, nos termos de Campbell (2001), remetendo à configuração dos *points* da cidade.

Para uma argumentação abrangente e coerente, reputamos como algo central o atributo da visibilidade, uma vez que a mesma, nas palavras de Gomes (2013), incorpora a morfologia do espaço físico e observadores sensíveis aos sentidos nascidos da associação entre o espaço e o evento.

E não à toa, falamos sobre materialidades e ações *comuns* que legitimam os espaços do cotidiano; então, como afirmou Certeau (2002), devemos dialogar com a cultura ordinária e fazer da análise uma variante do próprio objeto. Por essa razão, extraímos alguns dados de campo da pesquisa *Domingo na “donja”: a manifestação espacial do lazer na av. Dom Joaquim, Pelotas-RS* (DIAS, 2016), fazendo do evento concreto nosso referente de análise.

Sem querer negar, porém, um certo despudor da etapa exploratória, na qual os resultados do estudo servem mais para articular um horizonte entre os dois saberes, que validar hipóteses de pesquisa.

2. METODOLOGIA

Em poucas palavras, pesquisar é ter consciência crítica diante dos fenômenos observados, mas para isso o pesquisador deve apoiar-se em um quadro coerente de técnicas definidas a partir dos objetivos do estudo. Conforme já foi mencionado, nos valem aqui dos trabalhos de campo e de trechos de entrevistas semiestruturadas de uma outra pesquisa.

Desse modo, as leituras dão o enquadramento teórico preliminar, enquanto os dados endereçam uma pesquisa já realizada. No entanto, não estamos tangendo estes dados como se fossem bois, e sim validando uma metodologia qualitativa para reduzir a distância entre teoria e mundo empírico, propondo, quem sabe, que inovar na pesquisa social pode ser desafiar velhas conclusões.

3. DO ESPÍRITO DO ESPAÇO

Conceber o espaço geográfico como uma entidade social é dotá-lo de espírito, nesses termos, o escopo da antropologia se torna algo decisivo, pois a análise há de considerar um jogo entre a dimensão física do espaço e a prática social nele inscrita. Assim, confrontamos uma geografia que reúne forma e conteúdo.

Em outras palavras, pensamos o espaço social como expressão de conteúdos coletivamente projetados em uma forma concreta. Surge, pois, o pano de fundo da questão: a opção por este em detrimento daquele espaço, sofre influência de fatores subjetivos que sinalizam o espírito do espaço.

Dessa maneira, as cidades exprimem seus *points*, seus lugares *da moda*, suas áreas de concentração – que concentram ações! – sendo que no espaço público, as cidades de fato acontecem, porque a visibilidade individual e coletiva encontra autonomia de existência no consumo da rua.

Defendemos que os diversos espaços da cidade introduzem distintas estéticas controladoras da prática social, pois implicam nas opções de uso, podendo mesmo esboçar o ingrediente romântico do espaço como fundamento para a constituição de pontos de encontro em público. (CAMPBELL, 2001)

Nesse contexto, o domínio do visível, caracterizando áreas na cidade, atua, em certos casos e medidas, como espírito inscrito pela materialidade do espaço, o que referencia o fenômeno social dos ajuntamentos. Não por acaso, diferentes grupos consagram os seus espaços de reconhecimento e afirmação públicos, onde fixam identidades no fluxo do cotidiano; logo, o espaço material mantém autonomia frente às operações de uso. Segundo Milton Santos,

essa é uma visão renovada da dialética concreta, e abre novos caminhos para o entendimento do espaço, já que, desse modo, estaremos atribuindo um novo estatuto aos objetos geográficos, às paisagens, às configurações geográficas, à materialidade. Fica mais claro, desse modo, porque o espaço não é apenas um receptáculo da história, mas condição de sua realização qualificada. Essa dialética concreta também inclui, em nossos dias, a ideologia e os símbolos. (SANTOS, 2008, p.126)

Pelo exposto, depreendemos a preocupação do autor em torno do caráter ativo da materialidade do espaço sobre o acontecer social. Ao pensar o espaço enquanto dimensão qualificadora da história, Santos (2008) conclui que o mesmo cumpre um papel central na vida diária. Ou seja, o espaço é um *bem* coletivamente elaborado e que “estabelece e mantém relações sociais”. (DOUGLAS & ISHERWOOD, 2004, p.105)

Por isso a morfologia do espaço é fator relevante na construção social do uso, pois mantém sistemas de presença por princípios estéticos. Nessa lógica, a relação de um grupo com determinado espaço de uso, retroalimenta a produção temporária deste espaço e evento identificados pelo ajuntamento do grupo. Em consequência, os elementos da visibilidade parecem centrais:

Três elementos seriam fundamentais para a caracterização da visibilidade: a posição dentro de um contexto espacial no qual se inscreve o fenômeno; a morfologia do espaço físico em que se faz a exposição; e a presença de observadores sensíveis aos sentidos nascidos da associação entre o espaço e o evento. Resumindo: a visibilidade depende da morfologia do sítio onde ocorre, da existência de um público e da produção de uma narrativa, dentro da qual aquela coisa, pessoa ou fenômeno encontra sentido e merece destaque. (GOMES, 2013, p. 90)

Emblemático ao debate é o espaço da av. Dom Joaquim, Pelotas – RS. O traçado da via apresenta canteiro central com 2 km de extensão, com espaços de estar e de lazer para as pessoas. A morfologia do espaço se compõe de elementos naturais e arquitetônicos que formam um ambiente físico favorável ao ajuntamento social (Pergunta: por que você vem para a av. Dom Joaquim?).

Casas, edifícios e o comércio do lugar, conferem uma visibilidade diferenciada pelo conjunto arquitetônico destas construções; o que denota uma área dominada por uma classe de padrão econômico elevado. Defendemos que os atributos materiais do espaço, evocando uma estética típica da elite, são fatores de imposição social (Pergunta: que imagem você tem da av. Dom Joaquim?).

Apoiados pelo caso empírico, acreditamos que o espírito da av. Dom Joaquim é significado na prática social, pois o uso do espaço público pode ser entendido como posse circunstancial e coletiva elaborada no evento. Mas o espírito do espaço é a essência do evento; ou, pensando com Douglas e Isherwood (2004), a estética da av. Dom Joaquim estabelece e mantém particular importância no encontro.

Em suma, os trabalhos de campo na av. Dom Joaquim a indicaram como lugar de destaque do/no contexto espacial da cidade, mas embora um espírito espacial do dinheiro, não ocorre um uso preponderante por grupos mais abastados, uma vez que a materialidade elitizada também atrai a grupos considerados populares. Neste particular, encontramos em Certeau (2002) uma análise para argumentar em favor das “engenhosidades do fraco para tirar partido do forte”. Nas palavras do autor,

Muitas práticas cotidianas (falar, ler, circular, fazer compras ou preparar as refeições etc.) são do tipo tática. E também, de modo mais geral, uma grande parte das “maneiras de fazer”: vitórias do “fraco” sobre o mais “forte” (os poderosos, a doença, a violência das coisas ou de uma ordem etc.), pequenos sucessos, arte de dar golpes, astúcias de “caçadores”, mobilidades da mão-de-obra, simulações polimorfos, achados que provocam euforia, tanto poéticos quanto bélicos. (CERTEAU, 2002, p. 47)

Consideramos, enfim, o uso da av. Dom Joaquim como tática: nessa área da cidade, onde a materialidade indica o espírito do dinheiro, não cessam investimentos em estruturas pública e privada para agregar valor econômico ao espaço público. Nesse cenário, grupos sociais que em tese poderiam não ser considerados para uma socialização nesse lugar, se tornam habituais *usadores* do espaço, como uma presença possivelmente não prevista, mas que avança qual *pequeno sucesso* sobre a ordem do capital.

4. OBSERVAÇÕES FINAIS

O ponto de partida para articular este diálogo entre geografia e antropologia, foi pensar o espaço material em sua dimensão de objeto social. Entendemos que assim referendamos a imposição do espaço como *inventor* do cotidiano dos indivíduos. A interlocução com a antropologia permitiu discutir o espaço como entidade dotada de espírito; nessa perspectiva, a estética do espaço agencia as ações.

Em geral, o espaço integra um sistema de significação na esfera coletiva de atuação, isto deixa entrever que importa menos se o acesso é livre ou condicionado pelo dinheiro, e mais pela capacidade de o espaço dar visibilidade e unidade na diversidade das práticas sociais do cotidiano. Essa condição permeia a reprodução dos *points* da cidade, como procuramos ilustrar com o caso da av. Dom Joaquim, Pelotas/RS.



5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMPBELL, C. **A ética romântica e o espírito do consumismo moderno**. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

CERTEAU, M. de Introdução geral. *In*: CERTEAU, M. de; GIARD, L; MAYOL, P. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 2002.

DIAS, L.H.F. **Domingo na “donja”: a manifestação espacial do lazer na av. Dom Joaquim, Pelotas (RS)**. 20/05/2016. 113 f. Dissertação. (Mestrado em Geografia). Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2016.

DOUGLAS, M; ISHERWOOD, B. **O mundo dos bens: para uma antropologia do consumo**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2004.

GOMES, P. C. da C. **O lugar do olhar: elementos para uma geografia da visibilidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

SANTOS, M. **A natureza do espaço. Técnica e tempo. Razão e emoção**. 4ª ed. 4ª reimpressão. São Paulo: Edusp, 2008.